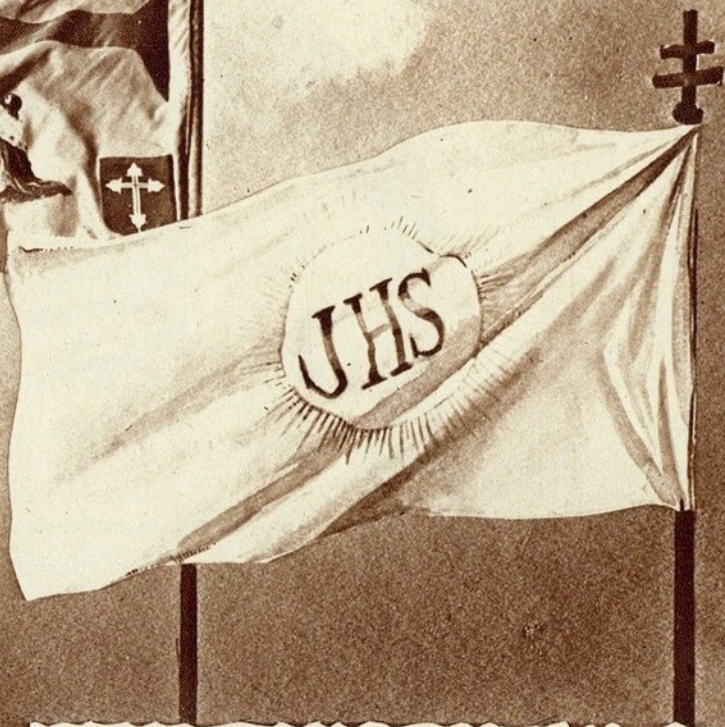
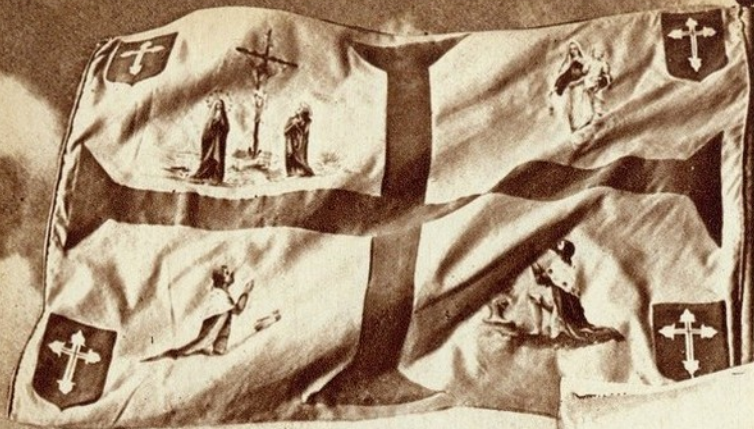
BEATO JOÃO DE BRITO

FRESCO DE H. FRANCO

Sumário

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 Telefone 4 6134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: . . . . 12$00
PREÇO AVULSO . . . . 1$00
BOLETIM MENSAL — NOVEMBRO-1940

Beato João de Brito

Beato Nuno Alvares Pereira

DOIS GRANDES PORTUGUESES

A Juventude Católica portuguesa festeja no dia 10 de Novembro o Beato Nuno de Santa Maria e o dia 17 dêste mesmo mês, por vontade de todo o Episcopado, será consagrado à causa do Beato João de Brito.

Pareceu-nos bem dedicar a estes dois grandes portugueses êste número do nosso Boletim, pois a sua vida encerra para as Filiadas da M. P. F. grande lição de nacionalismo.

Nêste ano jubilar, em que com patriótico orgulho exaltamos as grandezas de Portugal, não devemos esquecer quem Portugal fez grande.

E, entre os heróis, os maiores são os santos, aqueles que Deus mesmo «reveste de glória».

Quási três séculos separam Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino, de João de Brito, o religioso da Companhia de Jesus.

E mais do que o tempo, parece que o destino deveria ter afastado estes dois homens: um armado duma espada e o outro empunhando uma cruz.

E afinal podemos juntá-los, empregando para eles os mesmos louvores.

Ambos serviram a Pátria e glorificaram a Deus numa vida de maravilhas que lhes mereceu ficarem na história e entrarem na alegria do Senhor.

Igualmente nobres — supõe-se até que João de Brito descende da família de D. Nuno Álvares Pereira — conheceram ambos os prazeres e as honras do mundo. O paço real foi a sua própria morada e reis e fidalgos acarinharam-nos desde crianças.

Mas embora seguindo caminhos diferentes — um renunciando a tudo desde a juventude para se alistar ao serviço do Rei eterno e o outro continuando a servir um rei temporal, só no fim da vida se consagrando a Deus — ambos souberam «desprezar os bens e as riquezas da terra» para procurarem antes de mais nada o reino de Deus e a sua justiça.

Ambos fizeram render os seus talentos; cada um cumprindo a sua missão.

E é isso o que importa. A santidade consiste em fazer com perfeição a vontade de Deus, seja a comandar exércitos ou a prégar o Evangelho.

Foi nos campos de Atoleiros, Aljubarrota e Valverde, lutando pela independência da Pátria, que o Condestável se santificou e encheu de glória; foi nas terras de Maduré, estendendo o Reino de Cristo, que João de Brito foi também um herói e um santo.

Que importa o caminho, se o fim é o mesmo: Deus!

Que importa adormecer na paz dum convento ou morrer mártir num país de missão, se se entrega á alma a Deus com o mesmo confiante abandono e de Deus se recebe a mesma coroa?

Glorificando os seus santos, a Igreja Católica oferece-os à nossa contemplação como modêlos.

As filiadas da M. P. F. não poderão imitar o Santo Condestável ganhando batalhas e também não é provável que, como o Beato João de Brito, tenham de confessar a sua fé com o sacrifício da própria vida.

Mas devem aprender com estes dois grandes portugueses a fazer do serviço de Deus e da Pátria o seu mais alto ideal!

Maria Joana Mendes Leal

Não podemos decerto reünir, em tão curto espaço de que dispomos, quantas atitudes nobres conhecemos do mais glorioso cavaleiro da História Pátria, D. Nuno Álvares Pereira, guerreiro, herói e santo, que hoje encarna o valor das nossas milícias cristãs e nacionalistas.

Focar ràpidamente a sua Figura Egréjia seria supliciante sem a recompensa da utilidade que é sempre relembrá-la à Mocidade portuguesa.

Raro e altíssimo é o exemplo do undécimo filho de D. Alvaro Gonçalves Pereira, que do Pai herdou a lealdade prestada aos Reis que o honraram com a sua amizade, da Mãi a fôrça de vontade e o mesmo gôsto de santificação pela penitência, e à posteridade havia de transmitir de geração em geração a santidade que mais tarde veio a reflorir exuberantemente no ramo da sua família que deu a Portugal o iluminado Beato João de Brito Pereira, Apóstolo e Mártir na India.

. . . .

D. Nuno Álvares Pereira tinha apenas treze anos quando Lisboa foi alvoraçada pelo tom de guerra que lhe trouxe o rei de Castela.

A côrte de D. Fernando I estava em Santarém com grande acompanhamento. D. Alvaro Gonçalves Pereira tinha ali com sigo alguns dos seus numerosos filhos.

Mas, por ser muito novo, D. Nuno não havia ainda tomado armas.

As tropas castelhanas passaram em direcção a Lisboa. D. Alvaro, para exercitar o filho, mandou-o cavalgar com o irmão D. Diogo e espiar o inimigo.

Os dois jóvens cavaleiros obedeceram gostosamente.

À volta foram chamados a prestar declarações na presença do rei e da côrte e convidados a expôr tudo quanto haviam podido analisar.

A História não nos dá conta do testemunho de D. Diogo, porque a resposta de D. Nuno é ainda hoje o grande clarão a doirar o episódio que não provocou apenas o entusiásmo da rainha que logo o reclamou para seu escudeiro.

A resposta de D. Nuno não contentou apenas o rei que logo acedeu em que o armassem, nem deu só a esperança de novo bom cavaleiro aos que o ouviram e logo tentaram pôr em prática o seu avisado parecer.

A resposta de D. Nuno é ainda, a-pesar-de outras muitas notícias e frases suas que nos fornecem os documentos da época — a maior revelação do Condestável. Ei-la:

«Vi muita gente e mal mandada, pouca gente com bom capitão os desbarataria».

E assim, mais tarde, os desbaratou de facto muitas vezes *Aljubarrota... Valverde...*

Iria Gonçalves do Carvalhal, a dama da Infanta D. Beatriz, tão

FREI NUNO DE SANTA MARIA

bem incutiu no filho o espírito de sacrifício, que devia ser ela própria a primeira a achá-lo exagerado.

Quando o viu tomar declaradamente o partido do Mestre de Aviz, que reputava muito fraco para vencer os esforçados planos do Rei de Castela, a pobre Mãi aflita veio a Lisboa falar a D. Nuno.

A indignação do filho não se fez esperar: «*Mãi e Senhora* — respondeu Nun'Álvares aos grandes recados de recompensas prometidas pelo mesmo rei de Castela — *nunca queira Deus, que por dádivas e largas promessas eu vá contra a terra que me criou; antes despenderei meus dias e derramarei meu sangue por amparo dela*».

E porque só àqueles que se dão desmedidamente ao serviço do Senhor se dá o Senhor sem medida, venceu o Santo Condestável tôdas as batalhas e operou todos os milagres.

. . . .

A amizade do Infante D. Duarte por Nun'Álvares Pereira foi muitas vezes provada.

É certo que alguns autores nos informam de que eram D. Duarte e D. João os filhos de D. João I que a ternura de D. Nuno mais distinguia.

Tão clara era porém a influência de D. Duarte no ânimo do Santo Condestável que foi êle quem evitou, na volta de Ceuta, o seu maior afastamento.

Recolhia-se então definitivamente Nun'Álvares ao Convento do Carmo, despindo-se por completo de todos os bens: terras, armas e jóias que distribuira pelo genro, o terrível Conde de Barcelos, netos e cavaleiros. O resto seria do Convento do Carmo. Mas o genro não concordava com a doação, queria mais porque nada o satisfazia.

E há quem lhe atribua as seguintes palavras de ameaça ao sogro — «*Olhai bem o que fazeis que é grande desserviço a Deus; e quem na terra não cumpre não entra no Céu*». Desgostoso, quis Frei Nuno retirar-se para eremitério onde o não perturbassem tão inùtilmente. Só D. Duarte conseguiu dissuadí-lo da sua já firme tenção.

O mesmo príncipe alcançou que o Condestável do reino não mendigasse pelas ruas da cidade e às portas, e evitou ainda que êle recebêsse esmola que não viesse do Rei.

. . . .

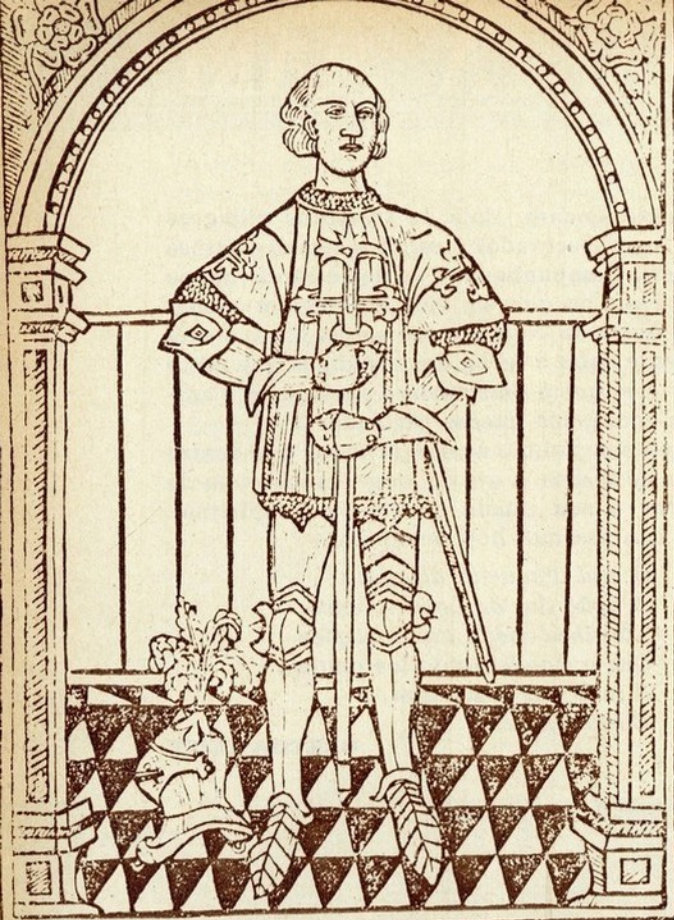
É indiscutível, afirmam os cronistas, a exaltação do vulto do Santo Condestável logo após o seu passamento. Mais de trezentos milagres fôram logo observados e escritos sem discussões possíveis. Compunham-se versos e cantavam-se hinos. Para os que em vida lhe haviam conhecido a bondade Nun'Álvares sorria ainda benèvolamente entre a turba dos mendigos que tanto amara e a quem diàriamente sustentava e amparava com a sua imensa caridade.

E ao seu túmulo acorriam todos que dentre o povo de Lisboa e, até de longe, precisavam de melhorar o seu estado material ou espiritual.

Se cantássemos hoje como então?

O mal d'aquella alfayata
A grão dor de Lopo Afonso
Não lhes chega aos corações
Que o Conde Santo los guarda
E tudo por fazer bem...
E bem! E bem!

BERTHA LEITE

Ruinas do Mosteiro do Carmo, mandado erigir pelo Santo Con-

Gravura da «Crónica do Contestabre», impressa em 1526.

Capela de S. Jorge, mandada construir pelo Santo Condestável no lugar exacto da batalha de Aljubarrota

SANTA MARIA DA VICTORIA

O exército de Castela avançava sôbre Lisboa, onde já se encontrava a sua armada. Tornava-se necessário e urgente desbaratá-lo antes que chegasse à capital.

Mas as fôrças castelhanas eram em número tão superior às fôrças portuguesas — o exército invasor contava 30.000 homens e o nosso pouco mais de 8.000 — que o conselho de guerra considerava temeridade aceitar combate nestas condições.

D. João I e D. Nuno discordavam: anciavam por se encontrar frente a frente com o Rei de Castela e dar-lhe batalha.

E porque um, como Rei, tinha o poder de impôr a sua vontade, e o outro, como Condestável do reino, tinha a supremacia em assuntos de guerra, a sua opinião triunfou e ficou resolvido sair ao encontro do exército inimigo e forçá-lo a combater.

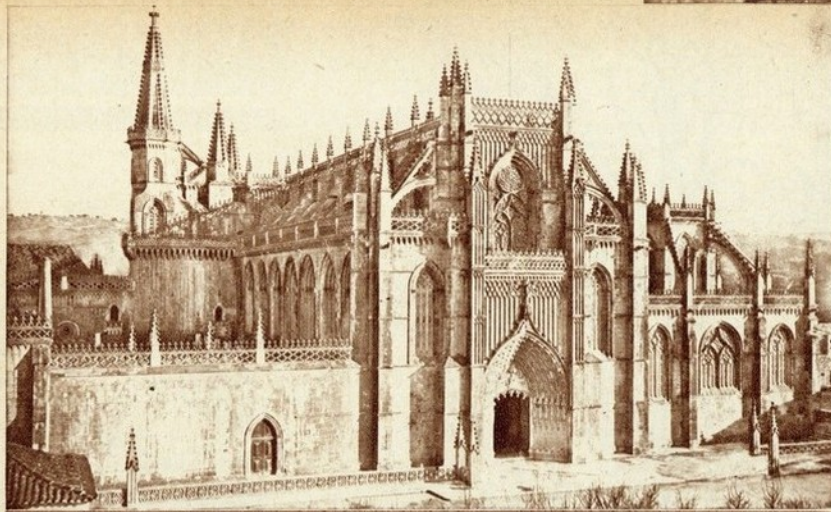
Era arriscado... Mas os portugueses defendiam a sua Pátria e isso redobrava a sua coragem; além disso, contavam com Aquele «em cujas mãos estão as vitórias».

Logo de madrugada, tendo já à vista o exército inimigo, D. Nuno e muitos dos seus companheiros ouviram missa e comungaram. Estavam preparados para vencer ou morrer!

Era o dia 14 de Agosto, véspera da festa da Assunção.

D. João I, o Condestável e todo o exército português viu nesta coincidência um augúrio feliz. Nossa Senhora, sob cuja «tutela, protecção, defesa e amparo» o primeiro rei de Portugal tinha posto o reino, suplicando-lhe que o conservasse «livre de sujeição estranha», não abandonaria nesta hora grave e decisiva o povo que sempre confiara nela.

Animados com esta esperança, que o Rei e Santo Condestável eram os primeiros a sentir e a comunicar, os portugueses aguardavam confiantes, no jejum e na oração, a hora da batalha.

Já caiam sôbre o campo os primeiros virotões castelhanos. D. Nuno, depois de ter marcado posições às hostes,

Santa Maria da Victória

corria dum lado para o outro a cavalo, repetindo, cheio de fé e confiança, que a «Madre de Deus, cujas vesperas entonces eram, seria advogada por êles».

Por sua vez, o Rei dizia aos seus companheiros de armas: «Em nome de Deus e de Virgem Maria, cujo dia de amanhã é, sejamos todos fortes e prestes».

E ali mesmo fez o voto de erguer um mosteiro em honra de Nossa Senhora Santa Maria, se saissem vencedores do Rei de Castela.

Eram 3 horas da tarde quando a batalha começou. No primeiro choque, violentissimo, a massa enorme do exército castelhano rompeu a linha da vanguarda portuguesa, comandada pelo próprio Condestável.

Tudo parecia perdido, mas D. Nuno anima os seus soldados e acode a todos os pontos mais arriscados. Corpo a corpo portugueses e castelhanos batem-se como liões.

Mas eis que os castelhanos vacilam, recuam e fogem em debandada desatinada, emquanto o próprio Rei de Castela abandona o campo, fugindo também...

Antes do pôr do sol estava ganha a batalha e assegurada a independência de Portugal.

D. João I não esqueceu o voto que fizera e mandou construir perto do local da batalha (e não no próprio local por ser uma charneca muito árida) um magnífico templo e mosteiro a que deu o nome de *Santa Maria da Vitória*, e que ficou também sendo conhecido por «Nossa Senhora da Batalha».

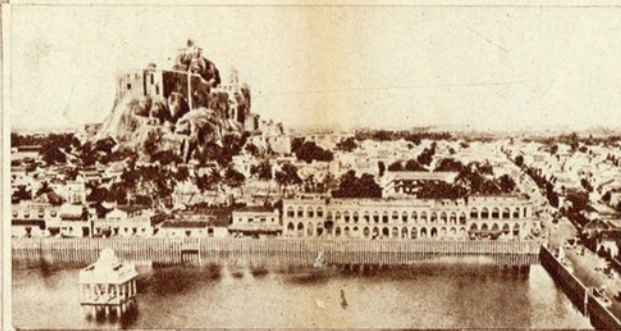
Da beleza artistica desse templo e mosteiro não falaremos, porque falam por nós as fotografias que publicamos.

Diremos apenas que não existe mais linda e preciosa jóia na arquitectura nacional.

A sua beleza é inigualável e para nós, portugueses, tem ainda o supremo valor de nos recordar uma das páginas mais gloriosas da nossa história.

Sob as suas maravilhosas abóbadas góticas a nossa alma sente-se em comunhão com o Santo Condestável, que com o seu génio militar e a sua fé em Deus e na Virgem Santíssima, nos conservou portuguesa esta bendita terra de Santa Maria!

Coccinelle

A INDÍA! SONHO DE JOÃO DE BRITO

Templo de *Xivá*, deusa indiana. O número de deuses na India é incalculável. A religião mais numerosa é a hindú, com 230 milhões; mussulmanos 70 milhões, etc.

Um dos actos mais importantes da religião hindú é o banho nos rios sagrados. Como julgam que tudo os mancha — até a sombra dum pária que passe por êles! — purificam-se...

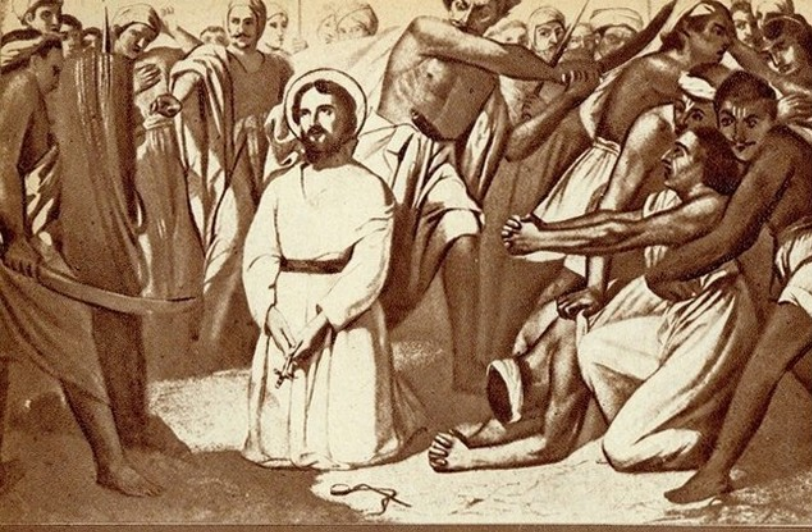
S. Francisco Xavier, o grande Apóstolo das Indias, que foi o modêlo, tão heròicamente imitado, pelo Beato João de Brito

A India tem uma superfície igual à da Europa (não contando com a Rússia). A sua população é de 350 milhões de homens, a 5.ª parte da humanidade

Túmulo de S. Francisco Xavier, que se encontra em Goa, na igreja do «Bom Jesus». O corpo do Santo conserva-se incorrupto

Mulheres párias, em serviços caseiros, junto da pobre choça onde habitam na miséria e desprezadas de todos

Na India a população está separada por *castas*. Nesta fotografia vemos uma jóvem brâmine dando de beber a um pária, mas de longe... para se não manchar!

«A messe é grande e os operários são poucos...» Na India existem ainda apenas 2 milhões de católicos

Martírio do Beato João de Brito

BEATO JOÃO DE BRITO

Todas as comemorações centenárias teem sido brilhantes e teem satisfeito consoladoramente o nosso coração de portugueses. Temos recordado as nossas grandezas e evocado os nossos heróis. Mas todos os feitos humanos, por mais glorioso que seja o explendor que eles deixam na história duma Nação, são inferiores à glória que a canonização dum dos seus filhos faz resplandecer sôbre essa Nação.

D. Afonso Henriques, o Infante de Sagres, D. João IV, os heróis da Restauração e os heróis das descobertas e conquistas, todos os grandes portugueses de quem temos rezado os nomes com devoção durante estas festas jubilares, são o cortejo magnífico que antecedeu a figura dum herói, para a maior parte dos portugueses desconhecido, e que é ele, afinal, que vai rematar com a suprema glória as festas Centenárias, levantando em si Portugal até aquelas sublimes alturas que uma Nação atinge quando o representante de Cristo na terra proclama o nome de mais um santo.

As outras festas são festas da terra; uma canonização é uma festa do céu. E Portugal vai ter a dita a fechar no céu as suas festas centenárias. Não será isto uma promessa de eternidade? Assim o esperamos.

Mas quem é êsse que à face do mundo inteiro vai glorificar o nome de Portugal?

O Beato João de Brito, um religioso da Companhia de Jesus, que por amor de Portugal e pela maior glória de Deus sacrificou a sua vida, morrendo mártir em Maduré, na India.

João de Brito nasceu em 1 de Março de 1637, na época ainda agitada da Restauração.

Já não chegou a tempo de lutar pela independência de Portugal. Mas uma Nação não necessita apenas de soldados; para ser verdadeiramente grande, precisa de Santos!

E João de Brito, desde o alvor da sua juventude, iluminou sempre com o brilho das suas virtudes.

Filho duma família ilustre, João, na idade dos 9 anos, foi viver para a côrte, como pagem de El-rei.

Mas Deus tinha sôbre êle mais altos desígnios — e chamou-o.

Seguindo a sua vocação, João de Brito entrou aos 15 anos para o noviciado da Companhia de Jesus.

Ser Jesuíta, sabeis o que é? É imitar a Cristo: "a mais sublime grandeza de alma„, no dizer de Paul Ernst.

E João de Brito imitou o Cristo com uma perfeição e um heroismo que lhe mereceram a inexcedível honra de subir aos altares. A sua vida e a sua morte foram igualmente heróicas.

Uma grande devoção por Francisco Xavier, que sempre o protegeu e êle quis imitar, fez-lhe do ideal missionário a fôrça dominante da sua existência.

Durante 3 anos, lutando contra mil dificuldades, pediu e esperou a hora desejada da partida para as missões.

Finalmente, ei-lo a caminho da Índia, "viagem que espera que seja para êle jornada para o céu!„

O Maduré, a missão que lhe foi destinada, era um país de 8 milhões de habitantes, quási todos imersos ainda nas trevas do paganismo; adoravam o sol e milhões de outros deuses: de tudo faziam um ídolo.

A dificultar ainda a acção dos missionários, os índios encontravam-se divididos em várias castas. A classe mais inferior era a dos párias.

Foram estes que o P.e Brito distinguiu com o seu amor particular, foi a estes que resolveu dedicar a sua vida.

A convivência com êles só poderia acarretar-lhe humilhações, mas no seu coração o P.e Brito trazia o desejo insensato, à fôrça de ser sublime, de com Cristo sofrer opróbrios e ser tido por louco...

Quem poderia contar, nas poucas linhas de que dispomos, o que o P.e Brito trabalhou e sofreu nesse Maduré distante que o seu zêlo ardente evangelisou?

São as longas viagens através das montanhas e das florestas, debaixo da chuva ou dum sol ardente; os rios atravessados a nado e as tempestades e os naufrágios no mar; incessantes caminhadas com os pés em chagas; as noites mal dormidas sôbre a terra nua; uma vida cheia de privações, passando fome ou procurando angustiosamente uma pinga de água potável para matar a sêde; uma vida sem repouso, temendo as feras de noite ou receando, de dia, o ódio dos brâmanes, os piores inimigos dos cristãos.

Mas tudo isto que importa, a quem, como o P.e Brito, deseja, por amor de Cristo, abraçar tudo o que Ele amou e abraçou: "Vim à Índia para suportar trabalhos e privações, não para levar uma vida de comodidades„, dizia.

São os trabalhos do apostolado e ministério sacerdotal: dia e noite a ouvir confissões sem descanso; milhares e milhares de baptismos a administrar, por vezes num esgotamento tão grande que teem de lhe segurar os braços; a preparação dos catecumenos no seio emaranhado das florestas para não serem descobertos; as visitas aos cristãos para lhes levar consolação e alento nas tribulações que sofrem por amor de Cristo; os serviços prestados aos doentes quando a peste lavra mortífera...

Mas que é tudo isto para quem, como o P.e Brito, considera todos os trabalhos e sofrimentos "melhores do que tôdas as grandezas da Europa?„

São as perseguições que obrigam a fugir, sem amigos com quem contar, sem abrigo e sem pão, sem remédios para aliviar os tormentos das febres malignas...

As perseguições que pretendem impedir, sob pena de morte, a prègação do Evangelho e a administração dos sacramentos. E como nada consegue deminuir o zêlo dos missionários, as injúrias e os maus tratos, a prisão sob pesados grilhões de ferro e os suplícios cruéis.

Mas que importa tudo isto a quem, como o P.e Brito, considera "grande mercê de Deus dar a vida por sua santa lei?„

E assim se passaram 12 anos... E assim se passaria a vida inteira do P.e Brito, se não tivesse sido escolhido para vir a Portugal como procurador das missões.

Obedece, mas com mágua deixa "os matos do seu Maduré, que — diz êle — ama mais do que o paço de Portugal!„

Em Lisboa, onde tinha chegado a notícia dos seus trabalhos e dos tormentos que por amor de Cristo sofrera, acolheram-no, a começar pela própria família real, com o respeito e a veneração que merece um mártir.

Mas nem as honras tributadas na côrte, nem a admiração respeitosa dos seus irmãos, nem o carinho enternecido da família, conseguiram fazer esquecer ao P.e Brito o seu Maduré bem-amado.

A sua vida continua austera e mortificada, como se a sua habitação fôsse ainda uma cabana ou uma toca e a sua alimentação o minguado sustento dos párias: no palácio real dormia sôbre uma tábua e à mesa do Rei comia apenas um pouco de arroz e legumes.

A quem lhe aconselhava que aproveitasse a sua estada na Europa para refazer as fôrças, contava as privações dos missionários no Maduré: "Como ousaria eu aqui tratar-me melhor?„

Mas de novo a sua partida vai encontrar dificuldades da parte do Rei, que o estima profundamente e deseja conservá-lo a seu lado.

Recomeça a luta que precedeu a sua primeira viagem. O P.e Brito procura convencer o Rei e suplica o P.e Geral: "Nada mais tenho desejado do que viver e morrer entre os meus neófitos pelos quais pude já trabalhar e sofrer alguma coisa„.

Deus faz-lhe a vontade. Ei-lo de novo a caminho da India — e desta vez para não mais voltar! "Julgo-me feliz — dizia o P.e Brito dias antes de partir — por poder fugir aos perigos da glória mundana e ter alcançado de novo a esperança da coroa do martírio„.

Ao saír de Portugal o seu olhar não se prende à terra; a sua visão é mais larga: a eternidade!

No Maduré recomeça os seus trabalhos de apostolado e recomeçam também as perseguições. "Não creio que em nenhuma outra parte do mundo — escreve a um Irmão da Companhia — se possa trabalhar mais pela glória de Deus e sofrer mais por seu amor„.

Tudo o que a generosidade e o espírito de sacrifício podem idealisar ao serviço de Deus e para salvação das almas o P.e Brito o tinha já realisado; restava-lhe a imolação da própria vida, o sacrifício supremo.

Três anos depois de ter regressado à India chegou para o P.e Brito essa hora tão desejada.

Um dia, dizem-lhe que se aproximam os soldados que o veem prender. Sai-lhes ao encontro com o sorriso nos lábios. Como Cristo no Jardim das Oliveiras entrega-se; como Cristo é preso e maltratado; como Cristo ouve o clamor dos que pedem a sua morte; como Cristo segue pela *via dolorosa* e cai por terra esgotado; como Cristo tem um pensamento de amor para os seus que deixa neste mundo, despedindo-se por escrito do Superior e dos Companheiros, na véspera da sua morte; como Cristo entrega a sua alma nas mãos do Pai, ajoelhando para orar antes de morrer; como Cristo dá a sua vida pela salvação das almas e a maior glória de Deus, imitando com uma morte heróica Aquele que heroicamente tinha imitado durante a vida.

O seu martírio teve todos os requintes de crueldade: cortaram-lhe a cabeça, retalharam-lhe os membros, abandonaram às feras o seu corpo...

Em Portugal a notícia da morte de João de Brito foi recebida com comovido orgulho e sobrenatural alegria.

D. Beatris vestiu-se de gala e recebeu do Rei felicitações pela honra de ser mãi dum mártir.

Tanto na India como em Portugal começaram imediatamente a pedir graças por sua intercessão. A santidade da sua vida, o heroismo do seu martírio e numerosos milagres alcançaram a sua beatificação.

Novos milagres e um recrudescimento de devoção, dão-nos, neste ano bemdito dos Centenários, a esperança da sua canonização. Que melhor fecho para as comemorações centenárias do que colocar o nosso Império sob a protecção especial de S. João de Brito, que tão gloriosamente personifica o esfôrço missionário português?

O próximo dia 17 de Novembro vai ser consagrado em em todo o país a orar pela canonização do Beato João de Brito e a recolher esmolas para esse fim.

Como portuguesas e como cristãs oremos e demos generosamente o nosso óbulo, felizes por contribuirmos para a glória dum filho da nossa terra, em quem Portugal receberá a mais alta glorificação!

MARIA JOANA

Urgur — Capela do Beato. Local do Martírio

Urgur — Templo em ruínas, onde o Beato foi aprisionado. Fica entre a velha cidade de Urgur e a colina onde o Beato sofreu o martírio (Nova Urgur)

PÁGINA DAS LUSITAS

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Dois encantadores refugiadosinhos belgas que na Figueira da Foz faziam, em Agosto, o encanto de todos

ERA UMA VEZ...

O MAU GÉNIO DO MENINO EUGÉNIO

Eugénio era tão bonito
Que eu tinha pena do rapazito.
Pena, porquê, querem saber?
Pois é o caso que vos vou dizer.
Ao lindo Eugénio nada faltava.
Tudo quanto há ali se encontrava:
Belos bonecos, belos carrinhos.
Para o jardim: baldes e ancinhos.
Tudo lhe davam, tudo êle tinha!
E muitas vezes, à tarde, vinha
Com êle brincar
Um certo, Gaspar.
Ambos corriam
(E até caíam)
Corriam à aposta:
E Eugénio não gosta
Que chegue o Gaspar
Antes dêle chegar!
Todo vermelhão
Como um pimentão
Chegava a dizer:
«Eu vou-te bater!»
«Que vergonha é ter mau génio!»
Diz o Gaspar ao Eugénio.
«E se em lugar d'ir correr
«Nós fôssemos antes ver
«Aquele livro bonito
«Que te deu o primo Tito?»
O livro foram buscar
Para logo começar.
«Quem o segura sou eu
«Porque o livro é muito meu»
Assim Eugénio gritou.
Mas o Gaspar protestou!
Eugénio as fôlhas arranca
Ao livro e com êle espanca
O Gaspar, o bom amigo,
Espantado de tal castigo!
«Meu pobre Eugénio
«Que triste é ter génio
«Assim tão furioso».
E com ar bondoso
Chegou-se o Gaspar
Para o abraçar.
Eugénio, então,
Sentiu a lição,
E teve vergonha
Da fúria medonha.
Chorou......
Meditou........
E lá se emendou!

CORRESPONDÊNCIA

As respostas sôbre as Histórias *da «Página das Lusitas» vão chegando às mãos da Directora da Página; e a pouco e pouco virão publicadas para, no fim, se concluir* qual *foi a história que teve mais votos.*

1 — De todos os contos já publicados no Boletim da Mocidade Portuguesa Feminina, o que mais aprecio é o trecho do Boletim n.º 8 *O Sorriso de Jesus.*

Maria Júlia — Infanta — Filiada N.º 9251

*

2 — A história que mais gosto é da *Rosa Teimosa.* Não é porque eu goste de meninas teimosas mas sim pela lição que se tira dêste conto e pelo remorso que *Rosa Teimosa* sentiu por causa de tudo que sofreu na companhia dos ciganos vindo mais tarde a ser uma menina exemplar.

Maria de Lourdes Rocha Mancio dos Santos — Infanta do Centro N.º 4 da M. P. F. — Alfundão — Idade 11 anos

*

3 — De tôdas as histórias publicadas na «Página das Lusitas» a que mais gosto é *Aventuras de Rosa Teimosa*, pois esta menina devido aos seus defeitos, sofreu muito. Mais tarde tornou-se boa e teve a felicidade de encontrar os pais. Esta história dá-nos uma bela lição pois tôdas as meninas que a lerem aproveitam bastante com ela e não terão vontade de serem teimosas.

Maria Catarina — Infanta do Centro N.º 4 da M. P. F. Alfundão

*

4 — A história que mais me sensibilisou foi a da *Rosa Teimosa.* Tive muita pena dela, quando os ciganos a levaram, mas também senti grande comoção quando ela no colégio já emendada da sua teimosia, encontra os pais que tanto a adoravam.

Maria Clarisse das Neves Alves — Infanta do Centro N.º 4 da M. P. F. — Alfundão — Idade 11 anos

A Lusita nunca deve:

- faltar à sua palavra.
- deixar de agradecer o que lhe fazem de agradável.
- esquecer que é sempre mais agradável dar do que receber.
- deixar de ensinar o que sabe a quem souber menos do que ela.
- faltar ao respeito às pessoas de idade.
- deixar de cumprir o que prometeu.
- deixar de ser delicada com tôda a gente.

CHARADAS

A catèdral — 1
Debaixo da terra — 2
Correndo para o mar — 1
Tesouros padres encerra.

*

Não é dura
Não é mole
Mas é mais dura que mole

*

Dêste arbusto faço açúcar — 2
E como é membro importante — 1
Nele me posso sentar

*

Lusita, não chores — 1
E não deixes de sonhar — 2
Mostra cara alegre
Com o riso a bailar...

*

Vasia sem nada
Assim me hão-de ver. — 2
(Num reino da Ásia) — 2
Se não me aproveitam
Deixam-me perder...

*

Aqui está, — 1
Um apelido, — 2
Que no deserto se aprecia,
Das pessoas que seria
Ao ver-se em pleno areial,
Se não fôsse êste animal??

(Ver soluções na página 16)

AVISO ÀS LUSITAS

A Directora desta página, pensando que muitas das suas amiguinhas gostarão de arranjar uma pequena representação para o Natal, informa-as, desde já, que no número de *Dezembro* vem publicada uma peçasinha, simples e apropriada, em 2 quadros chamada:

FELIZ NATAL

Se alguma tiver empenho em falar com a Directora sôbre o assunto e pedir explicações para o arranjo da peça não tem mais nada a fazer do que escrever para a R. de Buenos Ayres, n.º 8, onde a Directora desta página está **sempre** à disposição das lusitas.

A CORAGEM DE TEREZA TELLES

(Vida agitada duma família portuguesa na América)

(Continuação)

A-pesar-do susto em que estava, Tereza, instalada na vasta sala de cinema entre o pai e o irmão, começou a deixar-se prender pelas fitas que passavam; e durante umas horas esqueceu as ameaças de Allan Tregor.

Quando, porém, iam a caminho de casa e passavam perto dum grupo de homens do povo, ouviu murmurar ao ao seu ouvido, em inglês: «amanhã é o último dia de espera».

Nada disse ao pai, nada disse ao irmão...

Mas tôda a noite, com os olhos abertos e o ouvido à escuta, Tereza passou sem dormir. Quando no dia seguinte se preparava para sair e entrava no elevador com o saco de oleado no braço, passou perto dela o seu perseguidor com a cabeleira ruiva bem penteada, um fato de relativa elegância, luvas de boa qualidade, e uma grossa bengala de junco. Olhou-a, porém, desdenhosamente, acendeu um enorme charuto e nada lhe disse.

Assim, a pobre rapariga quási se convenceu que Allan Tregor desistia de a perseguir; e como naquele dia não ia para casa do banqueiro foi calmamente até ao mercado próximo, comprar o que precisava para o jantar. Entrou em várias lojas, onde já muitos comerciantes a conheciam, e apenas lhe faltava ainda a boa cidra a que o pai se habituara e que só encontrava, desde que acabara a lei sêca, numa loja pequena, um pouco escondida, numa rua isolada daquele bairro. E não reparara Tereza que a seguia um garôto côxo, encostado a uma muleta...

Vendo-a entrar na loja, o mesmo garôto correu, sem muleta, até ao square *mais próximo e, metendo os dedos na bôca, soltou três apitos estridentes. Logo surgiu um enorme automóvel de corrida, um longo e possante torpedo, que estacionou não longe da loja donde Tereza agora saía, despreocupada e calma como entrara. Um pequeno embrulho estava no chão, chamando a atenção da rapariga: e quando ela se baixou para apanhar um homem, saindo do* torpedo *ràpidamente e chegando-lhe ao nariz um lenço, agarrou nela com presteza e entrou com o precioso fardo no carro, que partiu com uma velocidade de 90 à hora. Como a rua era isolada e tudo se fizera em silêncio, preparado de antemão com tôdas as minúcias, ninguém assistiu à estranha cena... E a pobre Tereza desapareceu ràpidamente, sem que ninguém pensasse no crime que se estava dando.*

. . . .

Quando Jacinto e Manuel chegaram a casa, estranharam não encontrar a querida Tereza à sua espera, no patamar do elevador...

— Está a preparar o lanche — disse Jacinto.

— Não sei o que sinto, pai...— murrou Manuel, levando a mão ao peito, ofegante.

Entraram... E por tôda a parte viam a prova de que Tereza não voltara a casa desde manhãzinha, depois que tomara o almôço matutino.

Jacinto deixou-se cair numa cadeira, baixando tristemente a cabeça.

Mas Manuel exclamou:

— Pai, não te deixes abater. Em pleno país civilizado, não se raptam de dia crianças e mulheres. Eu vou já à polícia.

— Lindbergh também foi à polícia... — murmurou Jacinto — mas ficou sem o seu filhinho!

— Não, pai, não! havemos de encontrar a nossa Tereza! É forte e sã, não se deixará raptar por muito tempo. Vou já à polícia, pai. — e Manuel saiu apressado, descendo a pé, numa corrida, os 9 andares que o separavam da rua.

No comissariado tomaram tôdas as notas possíveis. Manuel falou nas ameaças do bandido; e os esclarecimentos vagos que as lojas deram sôbre a simpática rapariga todos coincidiam sôbre a sua vida naquela manhã; mas, desde que se encaminhou para a tal rua isolada, ninguém a tornara a vêr! Manuel voltou para casa cheio de desespêro. Como e onde procurar a irmã? Operário como era, o seu ganho, embora relativamente bom, não chegava para pagar agentes, para alugar automóveis, para subornar pessoas que o ajudassem naquela emprêsa. Começou por investigar, no prédio, a vida de Allan Tregor: justamente, êsse homem ausentara-se naquela manhã para a Flórida (segundo dissera à porteira): e a mulher vira-o sair, com um capote de viagem e uma mala na mão, num belo carro côr de café com leite.

Jacinto e Manuel continuaram, tristes, a sua vida de trabalho; mas ao fim duns dias Manuel declarou:

— Ouve, pai: eu vou pedir um mês de licença ao empreiteiro. Como temos um depósito de 100 libras no Banco, vou tratar de descobrir o paradeiro da nossa Terezinha; é impossível que eu nada consiga. Mas vou primeiro falar com o sr. Rosing.

— Falta-me só um desgôsto dêstes Manuel! Eu não resisto se a minha Tereza não volta para casa...

Nesta altura, ouviu-se um estranho borborinho na escada.

— Que será? — gritou Manuel, vagamente esperançado que o barulho se relacionasse com a volta da irmã.

Passos pesados aproximavam-se da porta e depois dum curto silêncio ouviu-se; uma voz grave dizer, em inglês:

— Abra em nome da Lei!

Jacinto e Manuel ergueram-se a um tempo e correram a abrir a porta.

Viram, com espanto, não só o comissário da polícia, mas vários agentes, seguidos de muita gente do bairro, que a curiosidade trouxera até ali.

— Que nos querem?! — preguntou Jacinto em bom inglês.

— Vêm talvez por causa de minha irmã? — continuou Manuel.

O comissário pondo uma mão pesada sôbre o braço de Manuel explicou:

— Desapareceu esta manhã o filho do banqueiro Rosing e houve uma denúncia anónima a seu respeito.

— Como?! — gritou o rapaz indignado, enquanto Jacinto, levando a mão ao coração, se encostava à parede meio desfalecido.

— A denúncia afirma que você é que premeditou tudo; e que o desaparecimento de sua irmã, cúmplice neste crime, é o complemento indispensável, a chave de todo o negócio. Siga-nos imediatamente.

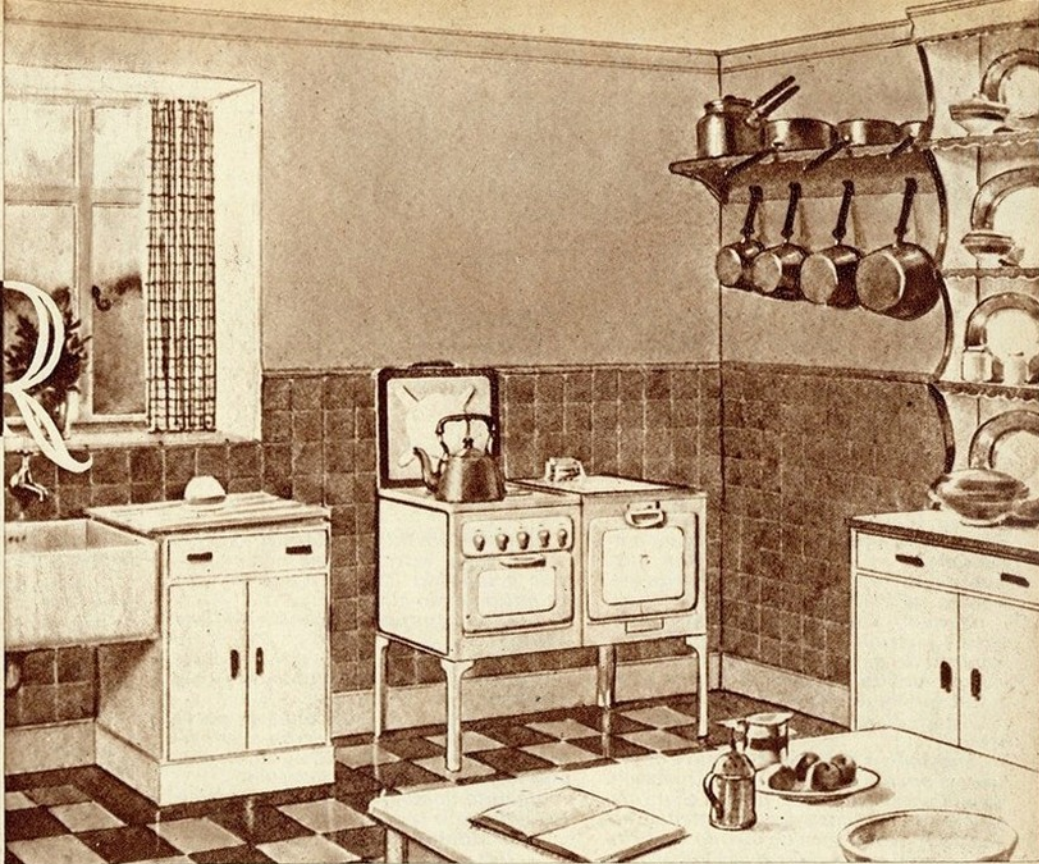
Manuel levantou a cabeça, e, abraçando o pai, que chorava silenciosamente, disse-lhe em português:

— Pai, não desanimes!

* * *

Quando Tereza sentiu a mão brutal que lhe apertou o lenço cloroformizado sôbre a cara, não duvidou um instante de que fôsse Allan Tregor o agressor. Teriam também raptado o pobre pequeno Rosing?

Perdeu imediatamente os sentidos; e o carro seguiu vertiginosamente, saindo da cidade, passando vilas, aldeias, florestas, campos... A velocidade era enorme! Quando voltou a si, Tereza, estendida no banco de tràs, tinha por companheiros dois homens com as caras meio encobertas por lenços escuros; um, ao volante, no qual conheceu o cabelo ruivo de Tregor, e nos olhos de ambos grandes óculos escuros.

(Continua no próximo número)

Para terminarmos com a «cosinha» vamos ensinar hoje:

COMO SE LIMPA O FOGÃO

Para trabalhar bem, o fogão tem de ser limpo com freqüência. A fuligem que se acumula no interior impede a tiragem e dificulta o aquecimento.

1.º — Deixa-se primeiro arrefecer completamente o fogão; doutro modo não faltariam queimaduras!

2.º — Tira-se a grelha e limpa-se da cinza, e, não se podendo tirar a grelha, com um ferro próprio faz-se cair a cinza.

3.º — Bate-se no cano para cair a fuligem (êste serviço, podendo ser, deve fazer-se fóra da cosinha para a não sujar).

4.º — Limpam-se os fornos por dentro e tira-se a cinza de tôdas as gavetas.

5.º — Esfrega-se o tampo do fogão com cinza ou areia fina e se existem alguns amarelos (torneiras etc.) limpam-se com solarina e os niquelados com lixa fina.

LIMPEZA DA CHAMINÉ

A *chaminé* deve ser limpa todos os anos para assegurar uma boa tiragem e evitar que a fuligem se incendeie, o que pode provocar um fogo.

Em geral, vêm os *limpa-chaminés* fazer êste serviço, mas se estivéssemos num local onde nos vissemos obrigadas nós mesmas a fazer ou a dirigir êste serviço, faz-se assim: prende-se numa corda um ramo de carqueja e a corda enfia-se pela chaminé.

Uma pessoa, no alto da chaminé, pucha a corda para cima, e outra, na cosinha, pucha a corda para baixo. A carqueja, roçando pelas paredes interiores da chaminé, faz cair a fuligem.

FOGO NA CHAMINÉ

Se por infelicidade pegasse o fogo numa chaminé, o que, mesmo antes de se verem chamas, se conhece pelo ruido estranho que se ouve, deveria proceder-se do seguinte modo:

Procurar impedir a ventilação queimando no poial da chaminé um punhado de enxofre para com o fumo dêste abafar o fogo.

Não havendo enxofre, tapa-se o buraco da chaminé com um lençol molhado ou com uma serapilheira. O que importa é fazer com que cesse a tiragem para o fogo, à falta de ar, se extinguir.

Mas é perigoso tapar o buraco superior da chaminé porque o fogo, não encontrando saida, pode propagar-se à casa.

CAIXOTE DE LIXO

Deve ser despejado todos os dias e lavado tôdas as semanas.

PIA

Deve estar sempre bem limpa. Se tiver rêde, não se devem deixar acumular lá os restos.

Deve-se-lhe deitar água com frequência e uma vez por semana cloreto ou criolina.

CESTO DE HORTALIÇA

Não se devem deixar ficar duns dias para os outros restos de hortaliça que apodreçam e deitem mau cheiro.

TRABALHOS DE MÃOS ~ *Saca de Costura*

A pedido duma filiada de Barcelos publicamos esta saca de costura que esperamos lhe agradará, pois é muito bonita. Poderá ser feita em linho cru e bordada a algodão «pérlé».

As papoulas a vermelho, em dois tons, com o centro verde e os nós pretos.

Os malmequeres em dois tons de amarelo, com o centro castanho claro, circundado de castanho mais escuro.

As outras flores são em dois tons de azul e o centro amarelo com um nó preto.

As espigas são amarelas. As fôlhas verdes.

A saca é debruada de encarnado, no mesmo tom das argolas.

A REVOLTA DOS ELEMENTOS

Quando saí a passear, pairava no espaço uma atmosfera de trovoada. O vento estava desencadeado qual demónio à solta; o mar, encapelado; e as ondas quebravam-se de encontro à rocha. Milhares de gôtas saltavam e vinham salpicar-me.

Eu ia andando depressa, porque um amontoado de núvens negras me advertia duma bátega iminente.

O vento engolfava-se no meu casaco e entretinha-se a emaranhar-me o cabelo. E o vento zumbia... e assobiava... e uivava... um autêntico concerto infernal!

O mar também estava agitado, bramia... gritava...

Eu preguntava a mim mesma a razão de tanto barulho. Porque fariam tamanho clamôr?!

Pouco a pouco comecei a ouvir as coisas falarem... e eu entendia o que elas diziam! Fiquei espantada de poder interpretar a sua língua.

«Temos de revoltar-nos» — diziam as águas.

— «Arrazá-los completamente, que não fique nem um» — dizia o vento uivando...

Das profundezas da terra saíu um rugido: — «Nem um»! — repetia fazendo éco.

Um relampago, rapidíssimo, atravessou o espaço. Incendiou uma árvore sêca que se pôs logo a arder.

Ao ver tal espectáculo enchi-me de pavor, e corri a esconder-me numa cavidade dos rochedos.

E o fôgo, ao arder, gritava também: — «Hei-de destruir-lhes as casas, hei-de queimar-lhes as cearas, hão-de morrer todos!»

Os gritos agora eram menos violentos, os elementos já não rugiam, era mais como que um queixume...

E a terra dizia: — «Dei-lhes tudo! Acalento no meu seio as sementes que êles me confiam e faço-as germinar.

É a mim que devem as colheitas abundantes, o pão, a vida! Mais ainda, dou-lhes a riqueza!

Extraem do meu corpo tesouros sem fim... E eu tudo permiti, tudo consenti, para que vivessem!

Mas o que fazem os homens? Que paga me dão? Matam-se uns aos outros; lançam-se bombas que penetram no meu corpo e o fazem sangrar. É de mais! Não posso tolerá-lo por mais tempo!»

— «Ingratos!» — exclamou o fogo. — «Eu aqueço-lhes os filhos, alegro-lhes a casa! E êles servem-se do meu poder para incendiar aldeias e queimar as sementeiras!»

— «E eu?... — soluçava o mar — sulcam os meus domínios com máquinas horrendas, escondem-se para melhor vibrarem golpes mortais. Infames! Ai, mal de mim, que lhes enchia as rêdes de peixes a saltar!»

E de novo elevavam as vozes.

O vento parecia o mais indignado: — «Que morram, os homens! Faço enfunar as velas dos seus barcos, faço-lhes andar os moinhos. Para quê? Para quê? Para que, sem dó, me atravessem nas suas águias de aço? Para que me trespassem o coração com obuses mortíferos?!»

— «Fomos traídos, matêmo-los. Hei-de enviar-lhes um dilúvio como nunca viram!» — gritavam as águas.

— «Revoltêmo-nos!» — clamou o fôgo.

— «Hei-de vomitar-lhes tôdas as pedras que encerro nas entranhas» — bradou a terra.

O ar exclamou com voz rancorosa: — «Hei-de varrê-los, hei-de reduzi-los a pó. Hão-de ver o que é um verdadeiro ciclone!!»

...E continuavam a praguejar e a injuriar a humanidade pervertida.

Eu tremia como varas verdes, cheguei a pensar que endoidecia.

Nisto, vi ao longe um vulto que vinha ao nosso encontro.

Era um homem. Vestia uma longa túnica branca. Os cabelos eram anelados e uma barba clara descia-lhe sôbre o peito.

Aproximava-se ràpidamente. Eu tinha até a impressão que êle não andava, que vinha deslizando.

Avançou para êles e disse simplesmente:

— «Vinde».

E os elementos seguiram-no.

Eu saí do meu abrigo e fui atraz dêles.

Andámos assim durante muito tempo...

Por fim chegámos junto duma cabana cuja porta estava entre-aberta. Lá dentro via-se uma mulher com uma criança no regaço.

Na lareira o lume estava apagado e a arca do pão, vazia. A mulher fitava ao longo o mar encapelado, onde flutuava um barquito. As lágrimas rolavam-lhe pela cara abaixo, e vinham esconder-se nos caracois da criança.

O homem apontou para a mulher:

— «Olhai» — disse para os elementos — é um Lar! E alguma coisa o mantem... é o Amor! E vós ides destruí-lo; vós, com a vossa ira; vós com o vosso ódio; vós, com a vossa revolta...»

Então os elementos começaram a compreender!

O mar, pouco a pouco, foi-se acalmando; o lume foi de novo arder na lareira; o vento soprou-o para atear a chama e a arca encheu-se de pão...

E o Homem murmurou:

— «Em verdade vos digo, enquanto houver um Amor sôbre a Terra, um só, que seja, vós não tendes o direito de vos revoltar... não podereis fazê-lo...»

E mais baixo prosseguiu:

— «Houve outrora Alguém que desceu á terra para trazer aos homens a Paz e a Vida, mas êles fizeram-lhe guerra e condenaram-no à morte! E contudo, Ele continuou a amá-los...»

Ao dizer estas palavras foi-se embora, devagar; e só então eu reparei que uma coroa de espinhos cingia a fronte d'Aquele Homem. E essa Fronte, sangrava ainda...

Mitza

SOLUÇÃO DAS CHARADAS — SEMINÁRIO // MOLDURA // CANAPÉ // RISONHA // OCASIÃO // CAMELO